

Intromissão em Poder prejudica o Brasil

As forças políticas, do alto de seu desprestígio popular, estão querendo intervir no Executivo, também desprovido de respaldo político e popular. Os líderes dos partidos no Congresso estão querendo mudar a política financeira do País, oferecendo uma receita cínica, que é a da suspensão do envio de capitais para o estrangeiro e o não pagamento dos serviços da dívida externa. Com isto, querem a mudança no Executivo, que seria executada por um ministro forte.

Essa interveniência do Legislativo no Executivo trará para o País um retrocesso imenso, porque os políticos vão indicar a política a ser seguida, vão desmoralizar o País no exterior, junto aos credores, e quando chegar a hora de indicar o ministro forte, quase todos quererão esse lugar, a briga vai continuar — e não vai acontecer nada.

Evitar o envio de capitais para o exterior é desacreditar as multinacionais que vivem no nosso País; deixar de pagar o serviço da dívida externa é negar compromissos assumidos e representa velhacaria.

Em casa onde todos mandam, o resultado não é o melhor. Por isso, os legisladores fariam melhor se se ativessem às suas atividades, dando exemplo de correção, o que nem sempre está acontecendo.

■
PARTIDOS — No Brasil não há partidos. Há siglas, com regimentos socialistas, que nunca são seguidos. Desta forma, não adianta tal candidato ser desta ou daquela sigla. Quando Jânio derrotou Cardoso para a prefeitura de São Paulo, foi com o PTN, uma modesta sigla de propriedade de Emílio Carlos e seu opositor era apoiado pelos 14 maiores partidos do País naquela época.

■
LOTÉRIAS — Fernando Henrique esclarece bem o que está acontecendo no Brasil de hoje. Tudo é loteria. Loteria na Bolsa, loteria no Jockey Clube, e por onde mais que o valha.

■
ANTI — A campanha eleitoral do candidato Brizola está dirigida para o anti. Não fala bem de ninguém. Nem dele próprio. O negócio é atirar pedras em todo o mundo. Pode resultar em bumerangue.

■
POLÍCIA — As declarações do secretário João Manuel Brochado estão sendo interpretadas erroneamente na polícia. Ele declarou que na polícia há bandidos e não que a polícia é de bandidos. No caso, valeria mais a pena os policiais procurarem identificar e expulsar os bandidos e não se voltar contra quem fez as declarações. É bom ver-se o exemplo do Amazonas.

■
PAPEL HIGIÊNICO — A Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose publica matéria paga sobre os preços do papel e ameaça com a falta até de papel higiênico. Logo mais, quando recrudescer a campanha eleitoral, poderemos ver que pode faltar papel higiênico, por política, mas vai sobrar papel para o que os candidatos quiserem.

■
PAVIMENTAÇÃO — Brasília está precisando de um rush no setor pavimentação. Há muita coisa a se fazer no ramo e logo mais teremos a época de chuvas. O melhor seria aproveitar o tempo exato.

■
GRAMADO — O torneio de tênis que se projeta para o gramado da Esplanada deve ter uma obrigação imediata à sua realização. É a recuperação do pavimento verde que certamente ficará desclorofilizado pelo tempo longo coberto por lonas.

■
JUSTIÇA — O interesse científico do ministro Selgo Tsuzuki em proibir o uso de antídotos teve um argumento maior do que o mal que causa à saúde: a Justiça. Foi o Tribunal que deu permissão aos fabricantes de voltarem com os remédios que o cientista proibiu.